



Revista Educação e (Trans)formação
Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

**VÓS SOIS RESPONSÁVEIS PELA SALVAÇÃO DE VOSSOS ALUNOS:
A MISTAGOGIA NA PEDAGOGIA DE JOÃO BATISTA DE LA SALLE**

**YOU ARE RESPONSIBLE FOR THE SALVATION OF YOUR
STUDENTS: MYSTAGOGY IN THE PEDAGOGY OF JOÃO BATISTA
DE LA SALLE**

Clóvis Trezzi¹

clovis.trezzi@unilasalle.edu.br

Moyses Romero Borges Oliveira²

moyses.romero@lasalle.org.br

Resumo

Este artigo, escrito a partir de uma pesquisa bibliográfica, tem o objetivo de compreender a formação e a missão dos professores como um itinerário mistagógico, tendo como ponto de partida a pedagogia de São João Batista de La Salle (1651-1719). O conceito de mistagogia aqui adotado é o de São Cirilo de Jerusalém, Bispo Cristão do século VI. Na concepção deste Bispo, mistagogia é o processo de inserção gradativa do cristão nos mistérios da fé até se tornar, pelo batismo, participante dos mistérios da salvação. Neste artigo, se discute a formação do professor como essa iniciação gradativa, adotando-se a compreensão de La Salle de que o professor é responsável pela salvação de seus alunos. O artigo trabalha a educação na perspectiva da humanização, discutindo a ideia de que, sendo um itinerário mistagógico, a formação de professores deve, ao mesmo tempo, conduzir para formar o estudante na dimensão humana e ser um caminho de espiritualidade. Considera, finalmente, o artigo que a responsabilidade do professor sobre o aluno também é mistagógica, pois a formação vivenciada na escola afeta toda a sua vida.

Palavras-chave: Formação de professores. Mistagogia. Humanização.

Abstract

This paper, written based on bibliographical research, aims to understand the training and mission of teachers as a mystagogical itinerary, taking as a starting point the pedagogy of Saint John Baptist de La Salle (1651-1719). The concept of mystagogy adopted here is that of Saint Cyril of Jerusalem, a Christian Bishop of the 6th century. In this Bishop's view, mystagogy is the process of gradual insertion of the Christian into the mysteries of faith until

¹Doutor, Universidade La Salle.

²Mestre, Universidade Cidade de São Paulo.

becoming, through baptism, a participant in the mysteries of salvation. In this paper, teacher training is discussed as this gradual initiation, adopting La Salle's understanding that the teacher is responsible for the salvation of his students. The paper works on education from the perspective of humanization, discussing the idea that, being a mystagogical itinerary, teacher training must, at the same time, lead to training the student in the human dimension and be a path of spirituality. Finally, the article considers that the teacher's responsibility for the student is also mystagogical, as the training experienced at school affects their entire life.

Keywords: Teacher training. Mystagogy. Humanization

Introdução

Este artigo busca compreender a formação e a missão dos professores como um itinerário mistagógico, tendo como ponto de partida a pedagogia de São João Batista de La Salle (1651-1719), que é reconhecido na história da educação como o primeiro a pensar, de forma profissional, a formação de educadores (Saviani, 2005; Manacorda, 2010). La Salle foi também pioneiro em utilizar e difundir métodos e tecnologias que se tornaram populares na educação moderna e se mantêm até hoje, como o método simultâneo (Gauthier, 2014; Boto, 2017).

Nesta pesquisa bibliográfica, os textos de La Salle são utilizados como fontes primárias, as quais são secundadas por autores contemporâneos da educação, dentre os quais se destacam Boto (2017), Manacorda (2010), Gauthier (2014) e Hengemüle (2007). O objetivo é realizar uma aproximação da formação de professores na perspectiva de La Salle com o conceito de mistagogia.

Esse conceito remete aos antigos Padres da Igreja, de maneira especial Cirilo de Jerusalém (313-386), significando a iniciação gradativa nos mistérios da vida cristã, levando os batizados a participarem dos mistérios da salvação.

No cristianismo primitivo, chegar a ser cristão não era entendido como o resultado de um acontecimento repentinamente transformador da pessoa, como uma reação automática ao anúncio evangélico e à formação catecumenal. Ao contrário, o acolhimento da fé cristã era percebido como fruto de um processo lento, gradual, marcado pelo dinamismo da experiência de Deus na vida pessoal e comunitária, chamado de iniciação cristã. (Costa, 2014, p. 695).

A iniciação cristã, segundo Cirilo de Jerusalém, é gradativa, de forma que é preciso consolidar um passo antes de dar o próximo: “[...] é necessário que vos proponha o que se segue à instrução mistagógica de ontem, a fim de que compreendais a significação simbólica do que foi realizado por vós no interior do edifício”. (Cirilo de Jerusalém, 1977, III.1). Nas *Catequeses Mistagógicas*, escritas no século IV, Cirilo segue a lógica da inserção gradativa no

Cristianismo. Ensina os elementos básicos da teologia e da fé cristã, de forma que todos possam entender, culminando com a compreensão e vivência dos elementos da Eucaristia, ponto alto da celebração da fé cristã.

Neste artigo, a ideia de mistagogia está relacionada com a inserção na missão educativa, de compromisso em compromisso (La Salle, 2012c, p. 7), e na compreensão de que a educação é uma vocação, ou seja, uma missão que pode ser elevada ao nível espiritual. Para La Salle, essa vocação é dada por Deus e torna o professor coparticipante na salvação de seus alunos e responsável por ela: “*Deus em pessoa vo-los trouxe. Deus em pessoa vos torna responsáveis pela salvação deles.*” (La Salle, 2012b, p. 96. Grifos do autor). Segundo Hengemüle (2007), por salvação La Salle entendia tanto o sentido teológico, da vida eterna, quanto a salvação imanente, ou seja, o cuidado para que os alunos se salvassem dos males deste mundo.

São João Batista de La Salle fundou a primeira escola normal da França no final do século XVII (Saviani, 2005). Além disso, foi pioneiro na fundação, em conjunto com um grupo de professores, de uma rede de escolas gratuitas destinadas à educação das crianças pobres. Segundo os biógrafos consultados (Hengemüle, 2007; Bédel, 1998), a fundação dessas escolas seguiu um processo no qual tanto os professores quanto o próprio fundador foram se imiscuindo passo a passo do que era entendido como uma missão: reuniu os professores e formou comunidade com eles; por fim, abandonou renunciou ao próprio salário e aos bens da família para formar uma “comunidade de mestres” (Bédel, 1998, p. 41).

É esse modo de inserção gradativa até o pleno envolvimento na missão de educar que chamamos aqui de itinerário mistagógico. A formação de professores, diz Nóvoa (2022), precisa justamente preocupar-se com o período da indução profissional, considerada como uma inserção gradativa e acompanhada que vai levar os professores a assumirem-se como tal.

Quando se fala de mistagogia, portanto, se está falando da missão e de uma espiritualidade encarnada, de uma ação concreta, no qual a pessoa assume e responde de livre e espontânea a um projeto maior, reconhecido como “obra de Deus” (La Salle, 2012b, p. 134).

Embora não seja intenção deste artigo tecer argumentos de cunho teológico, será inevitável adentrar em elementos da teologia, pois no pensamento de La Salle, típico de sua época, educação e religião não se separam. O argumento principal é o de que a maneira como La Salle organiza a formação dos professores e a escola é um processo que tem paralelo com

a mistagogia dos primeiros séculos da vida cristã. Essa compreensão se atualiza em propostas contemporâneas que aqui serão também mencionadas.

La Salle e a formação do professor

Parece haver um certo consenso na história da educação sobre a origem das escolas normais. Manacorda afirma que as escolas de La Salle (1651-1719) “são um primeiro esboço de escolas técnico-profissionais e as primeiras escolas ‘normais’ para leigos, chamados a participar também das atividades de instrução, tradicionalmente reservadas ao clero.” (Manacorda, 2010, p. 278). Para Saviani (2005, p. 143) “o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores teria sido instituído por São João Batista de La Salle, em 1684, em Reims, com o nome de ‘Seminário dos Mestres’”. Segundo Tagliavini e Piantkoski (2013, p. 21), “uma das grandes contribuições de La Salle: a criação de uma escola de preparação de professores primários. Nascia a **Escola Normal, o Curso de Magistério**” (grifo dos autores). Já Gauthier coloca La Salle entre os que deram início a esta atividade, mas afirma que alguns anos antes de La Salle, em 1678, Jacques de Batencour “criou o primeiro organismo francês de formação de professores” (Gauthier, 2014, p. 115).

Para Hengemüle (s/d), na pedagogia de La Salle descrita no Guia das Escolas Cristãs (La Salle, 2012a), sua principal obra pedagógica, destaca-se a centralidade do mestre, no sentido de que ele precisa estar bem preparado para o seu emprego, sendo esta “a ideia diretriz do seu pensamento pedagógico e da sua ação educativa” (Hengemüle, s/d, p. 139). Formar professores era algo condizente com a realidade da escola moderna: um interesse maior pela educação, que levou à necessidade de se utilizar (e aperfeiçoar) cada vez mais o método simultâneo e a pouca formação que os professores da época já tinham: “O que ele [La Salle] vê, conforme os textos, é a falta de mestres. A falta quantitativa e a ausência qualitativa, isto é, a carência de mestres bons, aptos e preparados, abnegados e dedicados.” (Hengemüle, s/d, p. 140).

Na perspectiva de La Salle, a formação do professor vai além da preparação inicial para dar aulas (escola normal). Para Chartier (1998, p. 6), o professor de La Salle é, “antes de mais nada, um modelo a ser seguido pelos alunos, os quais deveriam imitar seu comportamento (modéstia na conduta, discrição de gestos e propósitos, humildade diante do saber)”. O mestre, para La Salle, é um homem que “está imbuído de um **conceito elevado** de sua **missão** e que se considera um **vocacionado** para ela; que é um **profissional solidário**

dedicado **inteiramente** e **estavelmente** à sua tarefa.” (Hengemüle, s/d., p. 142. Grifos do autor).

A valorização do professor estava, assim, na base da sua formação. Este conceito positivo, o de que o professor tem uma vocação e uma missão dadas pelo próprio Jesus Cristo e, portanto, é uma profissão destinada a pessoas especiais, contrasta radicalmente com o que Petrarca escreve sobre os professores, no século XIV, em uma carta a seu amigo Zenóbio de Strata:

Ensinem às crianças aqueles que não sabem fazer algo melhor, que têm diligente dedicação, mente um tanto tarda, cérebro mole, inteligência sem asas, sangue-frio, corpo resistente ao trabalho, espírito desprezador da glória, desejoso de pouco lucro, não ousado. [...] aqueles que gostam da poeira, do barulho e do vozerio misturado às lágrimas de quem geme sob a vara; aqueles que gostam de infantilizar-se, que têm vergonha de estar no meio dos homens; que não se sentem bem com seus coetâneos, que gostam de mandar os menores e ter sempre alguém a quem aterrorizar, atormentar e afligir (Manacorda, 2010, p. 216).

Embora o texto de Petrarca tenha sido escrito mais de dois séculos antes da fundação das primeiras escolas por La Salle, há indícios históricos, apontados por Gauthier (2014), de que esse pensamento não mudou muito nos séculos posteriores. Uma nova visão sobre o professor, própria do pensamento moderno, mostra que este deixou de ser um ensinador para ser o responsável por um processo formativo da criança. Para isso, ele precisava desenvolver métodos e técnicas. Para educar no método simultâneo, tornava-se necessário apoiar-se em outras áreas do conhecimento, que vão dar suporte ao processo educativo. Já não bastava saber o conteúdo: era preciso conhecer mais sobre educação e, portanto, ser preparado profissionalmente nos diversos saberes que compõem o fazer docente (Tardif, 2007; Gauthier et al, 2013).

Esta forma de compreender o professor não era resultado apenas de uma visão humanizada do seu trabalho. O século XVII foi um período revolucionário enquanto momento histórico. O crescimento das cidades modificou os cenários de pobreza: a concentração populacional aumentou também a miséria e a violência. Por um lado, os meios de produção artesanais ainda eram os mais comuns; por outro lado, cada vez mais, dentro da nova visão de mundo que se instaurava, era necessário para o trabalho uma formação mais ampla, que o modelo antigo de educação não mais supria.

Lauraire (2008) mostra que mesmo a profissão de professor era “artesanal”, ou seja, não era especializada. Em geral, as escolas eram centradas nas corporações de ofício, e cada um ensinava aquilo que era inerente à corporação à qual estava integrado: os escrivães

ensinavam caligrafia, os marceneiros ensinavam marcenaria e assim por diante. Era um modelo que funcionava bem até então, mas que, além de não atender à maior parte da população, deixava para trás elementos importantes da formação da criança, como a aprendizagem da leitura e da escrita: um marceneiro não precisava necessariamente saber ler e escrever.

Associe-se a isso dois elementos: a pobreza, que não permitia a muitas famílias pagarem os professores, e a crença profundamente arraigada na sociedade, de que os filhos dos pobres não precisavam estudar, pois isso de nada lhes adiantaria (Hengemüle, 2007). Estes aprendiam com os pais o mínimo necessário para continuar fazendo o mesmo que eles e preparando-se para continuar vivendo do mesmo jeito.

Em geral, os professores não eram vistos como profissionais do ensino, mas como pessoas que simplesmente assumiam este trabalho como modo de subsistência. Gauthier (2014) mostra que a ideia medieval sobre o professor e sobre a criança ainda predominava, mas que aos poucos esse pensamento ia mudando. Para além da necessidade de uma educação especializada, no século XVII surgiu uma nova compreensão sobre a criança (Ariès, 2015). Esta já não era um “projeto de adulto”, mas alguém que precisava se preparar para a vida adulta.

A profissionalização docente, que surgiu a partir do seminário de mestres fundado por La Salle no final do século XVII, atendeu à necessidade pedagógica dominante naquele período histórico, que era a de bem preparar os professores para atuar em uma escola que exigia a profissionalização, porque tinha um método pedagógico que já se baseava em uma ciência incipiente. Ela permitiu que, nos séculos seguintes, a educação continuasse se desenvolvendo pedagógica e cientificamente. A evolução educativa posterior, nos séculos XVIII, XIX e XX foi possível porque os professores passaram a ser bem preparados.

A formação de professores como um itinerário mistagógico

O processo de formação de professores preconizado por La Salle (2012) previa uma indução profissional que começava devagar: “É preciso exercitá-los [...] a darem aula, [...] depois que já tenham uma boa noção de como se leciona e antes de fazê-los entrar na aula para dá-la.” (La Salle, 2012a, p. 30). Esse processo de formação inicial, que se consolidou nos cursos normais e licenciaturas, tem por objetivo formar professores capazes de bem desenvolver sua profissão.

Por si só, a indução profissional não pode ser chamada de itinerário mistagógico, embora a mistagogia, para Cirilo de Jerusalém (1977) tivesse como princípio levar o catecúmeno a se apropriar passo a passo da doutrina cristã e a aprender a vivenciá-la e a transformá-la em experiência de fé. É este detalhe que faz a diferença. Bem trabalhar a indução é importante, mas mais importante é fazê-lo de forma que, passo a passo, o educador possa fazer da tarefa educativa a grande missão de sua vida. Para Alberton (2010, p. 56), nesse contexto o termo *mistagogia* pode ser traduzido como “o processo pelo qual o educador experimenta motivações interiores muito além daquelas que a sociedade parece cultivar”.

É verdade que o conceito de Alberton se afasta da concepção teológica apresentada na introdução deste artigo. Ao secularizar este conceito, o autor procura aproximá-lo da ideia de que o professor é um “mistagogo do saber” (Alberton, 2010, p. 58), partindo do princípio que este possa se envolver com os valores que fazem parte do processo de educar que passam a ser a sua própria vida.

A formação do professor, portanto, passa pela experiência de educar. O conceito de experiência que adotamos aqui é próximo do desenvolvido por Heidegger (2003), Gadamer (1999) e Dewey (1976), e não pode ser confundido com a prática que se adquire pela repetição.

[...] fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma. ‘Fazer’ não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência. Fazer tem aqui o sentido de atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele. É esse algo que se faz, que se envia, que se articula. (Heidegger, 2003, p. 121).

Portanto, a experiência é algo que passa na vida do sujeito, mas ocorre a partir do movimento interno da pessoa em relação àquilo que lhe passa. Gadamer usa a palavra *Erlebnis* (experiência, vivência) para especificar algo que é dinâmico, “que não somente foi vivenciado, mas que o seu ser-vivenciado teve uma ênfase especial, que lhe empresta um significado duradouro” (Gadamer, 1999, p. 119).

A relação do sujeito com a experiência se dá de forma gradativa, e sempre mediada. “Ninguém chega a parte alguma só, muito menos ao exílio.” (Freire, 2008, p. 32). A mediação não é apenas de pessoas. “Nunca um acontecimento, um fato, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão.” (Freire, 2008, p. 18). Ao tocar o sujeito, esses elementos contribuem para que ocorra a experiência.

Colocar a mistagogia no campo da experiência ajuda a compreender o que Dewey chama de *Continuum experiencial* (Dewey, 1976, p. 17), que se dá justamente porque o significado da experiência é duradouro (Gadamer, 1999). Ela acontece de forma gradativa, mas os resultados são para toda a vida. Por isso, por exemplo, na formação cristã católica, os sacramentos se apresentam como marcas indelévels. Compreende-se que a marca deixada pela experiência não se apaga. “O educador mistagogo se reconhece como um indivíduo em contínuo processo de formação e crescimento [...]” (Alberton, 2010, p. 58).

Para La Salle (2012a, p. 291), a formação de professores teria duas funções: “1. eliminar nos novos mestres o que eles têm e que não devem ter; 2. fazer-lhes adquirir o que lhes falta e que lhes é muito necessário ter”. Como em todo processo formativo, essa experiência deve ser gradativa e permanente. Ele mesmo vivenciou-a ao inserir-se “de modo bem imperceptível e ao longo de muito tempo” (La Salle, 2012c, p. 7) no mundo da educação.

Costa (2012, p. 832) destaca que

para os Padres da Igreja, a mistagogia é um eixo diferente do eixo catequético. É a referência central de sua teologia, a partir da experiência espiritual da comunidade de fiéis, que tem sua razão de ser na vivência, sempre mais profunda, do caminho místico, do encontro pessoal e comunitário com o mistério revelado.

Assumir a formação como um itinerário mistagógico, portanto, vai além de assumi-la como uma experiência duradoura, mas está relacionado com o processo de assunção da educação como referência central para a vida. De acordo com Costa (2014, p. 704), um dos eixos da mistagogia, para Cirilo de Jerusalém, é a participação nos mistérios divinos, ou seja, não é apenas a graça de Deus que se faz presente na pessoa, mas é a própria pessoa que participa plenamente dos mistérios inerentes à graça. Compreender a formação de professores como um processo mistagógico significa, assim, concebê-la com plena participação, ou seja, não apenas uma formação recebida. Ela é construída junto com a trajetória formativa do sujeito.

Formar para a participação

Toda a ação educativa pode ser vista na perspectiva da mistagogia. O conceito de educação para a vida, amplamente utilizado por La Salle (2012), tem implicações profundas ainda hoje nos processos formativos. Durkheim (2014) sistematizou essa concepção ao trabalhar a ideia de socialização como papel principal da escola. A socialização nessa perspectiva pode ser associada à compreensão antiga de educação para a vida.

Ainda no século XVII, o modelo de escola desenvolvido por La Salle visava atender gratuitamente os jovens filhos dos artesãos e dos pobres. Estas duas categorias sociais eram vistas como pessoas sem direito à educação, conforme demonstrado por Hengemüle (2007). Diante desta realidade, ele se sensibilizou a ponto de enxergar nessa obra a mão de Deus:

Pelo que parece, esse foi o motivo por que Deus, que tudo governa com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo levar-me a assumir o inteiro cuidado das escolas, o fez de modo bem imperceptível e ao longo de muito tempo, de maneira que um compromisso me levou a outro, sem que o tivesse previsto desde o começo. (La Salle, 2012c, p. 7).

Ao compreender a missão assumida de educar as crianças privadas de direitos como uma vocação, ou seja, uma tarefa dada diretamente por Deus, La Salle eleva a educação a um patamar espiritual. Esse assunto será discutido em outra sessão. Aqui interessa perceber que ao dimensionar dessa forma a educação, ele coloca também nas mãos do educador a tarefa de transformar vidas. Compreende-se, assim, que “ensinar não é a pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil” (Freire, 2008, p. 70).

Roldão (2012, p. 95) diz que ensinar é “fazer aprender *alguma coisa* (a que chamamos *currículo*, seja de que natureza for aquilo que se quer ver aprendido) a *alguém*” (grifos da autora). Para isso, é preciso compreender o processo formativo a partir de uma dupla dimensão: a participação do professor no processo de ensinar e do formando no processo de aprender. Já não se coloca mais o primeiro e o segundo nas mãos do professor, como se fazia tempos atrás. Sem aprendizagem, não há ensino.

Isso implica em uma nova compreensão dos papéis docente e discente: o professor deve ser formado **para a** participação com o objetivo de formar **pela** participação. Ou seja, ao mesmo tempo em que, como diz Freire (2008), não ensina mecanicamente, ajuda os estudantes a não aprenderem mecanicamente. Tanto o professor quanto o aluno na sua formação passam por um processo mistagógico, de imersão nos processos educativos.

Não cabe mais, no século XXI, o mesmíssimo modelo de ensino que se adotou nos primórdios da escola moderna e que se manteve no decorrer dos séculos mais ou menos intacto. Da mesma forma, e pelo mesmo motivo, não há lugar para a mesma formação de professores. Para La Salle (2012a), a formação docente deveria ser essencialmente prática, ou seja, um bom professor era aquele que dominasse as técnicas para bem ensinar os alunos. Isso em um tempo em que, por diversos motivos, nem professor nem alunos tinham outro tipo de acesso à formação. Essa condição social também se manteve mais ou menos estável no decorrer dos séculos, e se alterou significativamente no final da segunda metade do século

passado com a revolução tecnológica. Com a mudança do paradigma formativo, já não faz mais sentido manter o papel do professor como aquele portador do saber que ensina e o do estudante como o indivíduo ignorante que vai à escola para aprender.

Por outro lado, a escola continua sendo um espaço diferenciado de aprendizagem e o professor ainda é o adulto responsável por permitir processos e experiências que conduzem a ela. De acordo com Roldão (2012), sem aprendizagem não há ensino. Estes papéis não mudam, pois fazem parte da identidade da escola. Se esta não fosse um lugar especializado para a aprendizagem e a busca do saber, se o professor não fosse o encarregado de conduzir as experiências formativas de forma que a aprendizagem aconteça, e se o aluno não fosse um sujeito em busca de novas experiências de aprendizagem, a escola deixaria de existir. O que muda no nosso tempo é a maneira como esses papéis são desempenhados.

Formar para a participação como um processo mistagógico está relacionado à maneira como o professor se prepara para assumir e conduzir o percurso formativo dos estudantes. No *Guia das Escolas Cristãs* (La Salle, 2012a) é descrito o acompanhamento da inserção do professor na sala de aula. Este começa assumindo algumas tarefas, acompanhado pelo professor titular; no começo não pode assumir certas funções, como por exemplo aplicar as chamadas “correções”, até não adquirir maturidade suficiente para tal. Aos poucos e gradativamente vai assumindo a classe até se tornar autoridade no assunto e poder acompanhar os novos professores no mesmo processo. Nesse ponto, já se pode dizer que ele realizou o seu “batismo”. Em um período em que a sociedade mudava muito mais lentamente que hoje, esse processo era perfeitamente válido.

Na atual configuração da sociedade, não é mais possível dizer que em algum momento da formação o professor pode ser considerado pronto ou suficientemente maduro para não precisar mais de acompanhamento. A mistagogia do processo formativo se dá a partir do lento e contínuo processo de inserção do professor na missão de ser educador. A figura do educador é a do adulto que ajuda os jovens educandos a se posicionarem socialmente, mas não é mais a do detentor do conhecimento, seja em termos de conteúdos curriculares ou de processos formativos. Nesse sentido, não se fala mais em um “batismo de imersão”, como se falava no cristianismo primitivo, que era a culminância da catequese. A própria mistagogia adota uma nova configuração. Formar para a participação significa tornar o professor ativo na condução das experiências formativas, mas ao mesmo tempo participante na vida do estudante de tal forma que este processo seja transformador para ambos.

Há que reconhecer que com La Salle houve um avanço significativo no processo de formação dos professores, que resultou em uma escola funcional. A ideia formativa presente no *Guia das Escolas Cristãs* é atemporal e segue válida, mesmo quando olhada a partir do nosso tempo. O que muda é a sociedade, e com ela todos os processos formativos que precisam ser adaptados.

A formação como um caminho de espiritualidade

La Salle (2012) definia a educação como uma vocação, propondo aos professores assumirem o compromisso de responder às indagações da realidade imanente a partir de uma proposta teológica: fazer a vontade de Deus. Isso significava viver a transcendência na imanência, uma proposta teológica interessante, pois supera a ideia de que Deus está no céu, nas alturas inatingíveis, ideia própria da Idade Média e começo da Moderna. La Salle convida os professores e verem a face de Deus nas crianças que o próprio Deus lhes confiou.

Essa compreensão faz com que a educação assuma uma dimensão espiritual. Não é apenas ensinar os conteúdos necessários para que a criança aprenda aquilo que lhe está destinado aprender, mas fazê-lo porque isso é um mandato de Deus. Colocando os professores como vocacionados e as crianças como enviadas por Deus, La Salle introduz uma ideia nova na educação: o professor não é apenas um profissional da educação. É alguém que educa por vocação.

Em um contexto religioso, como era aquele em que La Salle desenvolveu sua experiência educativa, a vocação só faz sentido no âmbito espiritual. Ela é considerada um chamado feito por Deus para que a pessoa desenvolva uma missão confiada por ele. Nessa perspectiva, o educador desenvolve não uma tarefa profissional, mas uma missão das mais nobres porque atende ao desejo do próprio Deus. Ora, a experiência com o Sagrado é marcante na vida humana. Portanto, compreender-se vocacionado é conceber a educação como uma tarefa especial, principalmente quando se compreende que os alunos são, também eles, enviados por Deus.

Independentemente da compreensão religiosa, pode-se conceber que a formação é um caminho de espiritualidade, especialmente quando visto na perspectiva mistagógica. Para além da perspectiva religiosa, o conceito de espiritualidade pode ser lido como um caminho de humanização. Isso foi detectado por Flores (2021), em sua tese de doutorado, ao estudar os diferentes olhares para a espiritualidade associadas à educação na América Latina. Segundo a

autora, “a compreensão presente nessa perspectiva é de que a espiritualidade faz ou deve fazer parte do processo de humanizar, ou seja, de desenvolver a humanidade nos seres da espécie humana.” (Flores, 2021, p. 98).

Partindo desta compreensão, este tópico complementa o anterior, acrescentando um elemento que naquele não estava contemplado: a educação tem o papel de valorizar o ser humano enquanto tal. Analisando os escritos de La Salle, essa ideia aparece de maneira explícita em vários textos, de maneira especial quando trata a escola como um lugar de salvação para os meninos. Um dos exemplos é este: “No emprego que exerçais, sois os *ministros de Deus*. Deveis, pois, *cooperar com Ele* e entrar em seus desígnios para promover a salvação das crianças que vos estão confiadas, em especial das que mostram mais inclinação para o mal” (La Salle, 2012b, p. 131. Grifos do autor). Dentro do contexto da época, a palavra salvação poderia ter pelo menos dois sentidos: a espiritual, em uma visão escatológica, ou a imanente, ou seja, a escola ajudaria a salvá-los dos males do mundo.

Hengemüle (2007, p. 23) diz: “Junto com essa visão espiritual, La Salle percebe igualmente a educação como necessidade e exigência de preparo à vida neste mundo, particularmente como meio para levar ao exercício de uma profissão”. Dessa forma, ele atendia igualmente aos ideais do Concílio de Trento, que definia que todos os seres humanos são necessitados de salvação e por isso devem conhecer as verdades da fé, como à necessidade social. De acordo com Hengemüle (2007, p. 23), o contexto de sua época não lhe permitia falar em direitos humanos, direito à educação, etc. Assim, utilizando a linguagem religiosa La Salle conseguiu avançar nessa direção.

Em relação aos professores, pode-se perceber um movimento semelhante. Em um contexto político e social no qual os professores não eram bem vistos ou aceitos pela sociedade – a não ser os tutores dos filhos dos nobres – o movimento educacional de La Salle os conduziu por um processo de reconhecimento social, transformando-os em especialistas da educação e provando à sociedade que eles eram necessários.

Segundo Alberton (2010) este movimento pode ser considerado dentro do campo da mistagogia e da espiritualidade, pois estas estão relacionadas com

a capacidade de abertura para novos horizontes que vai muito além de saberes científicos e que seja capaz de falar muito mais pelo exemplo, pelo Ser do professor, por sua pessoa inteira, muito mais que pela razão. Nesse sentido, fica cada vez mais claro que a educação é um processo por meio do qual o ser humano entra em jogo com todo seu dinamismo. (Alberton, 2010, p. 56).

Hengemüle (s/d, p. 144) diz que “o conceito positivo, alimentado por La Salle, da figura e da missão do mestre inclui a **consciência** de ser um **vocacionado** e um missionado, isto é um chamado e enviado para o exercício do magistério” (grifos do autor). Para isso, de acordo com Hengemüle, ele elevou a dignidade do professor a um patamar muito alto. “Em La Salle, a própria ascese, integrante da vida espiritual, é ‘essencialmente orientada’ para a forma de apostolado que é a educação cristã”. (Hengemüle, s/d, p. 147. Grifo do autor).

Por meio desta dimensão, o professor assume um sentido de pertença não apenas à instituição à qual está ligado, mas à própria vida do estudante, pois sua atuação como educador vai além da de ensinador. Ele é partícipe na própria humanização do educando, que nele se inspirará. Portanto, o professor segue presente na vida do aluno mesmo quando ele já não é mais seu educando.

Para Costa (2014, p. 705), este é um dos princípios mais caros para a mistagogia de Cirilo de Jerusalém. “O sentido de pertença eclesial indica vários elementos que se integram na mistagogia de Cirilo: o sacerdócio comum, a identidade cristã, o aspecto testemunhal e missionário, o aspecto hermenêutico, o caráter dialógico da dinâmica da revelação”.

A formação se torna um caminho de espiritualidade quando assume que o sentido da educação está não apenas na aprendizagem dos conteúdos que são ministrados, mas na participação do professor nos processos de humanização do estudante. Na teologia cristã – como em mitologias de outras religiões – Deus assume a forma de ser humano para estar mais próximo das pessoas. Na narrativa bíblica, há dois movimentos. Primeiramente, no Gênesis, o ser humano assume a forma de Deus. No Novo Testamento, Deus assume a forma humana. Nos dois movimentos, o que está presente é a presença de Deus no ser humano que lhe impõe uma dignidade muito grande.

Independentemente da crença ou não em um Deus que encarna no ser humano, compreender a educação como um processo de dignificação da pessoa é um caminho de espiritualidade. Tanto o professor como o estudante, nesse processo, têm a sua dignidade elevada. Um se forma para ter lugar de destaque na formação do outro. No final, a educação não tem simplesmente o objetivo de ensinar, mas de promover a pessoa.

Considerações finais

As catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém são um conjunto de textos que têm o objetivo de promover a iniciação e imersão dos fieis nos mistérios da religião nos primeiros

séculos do Cristianismo. Cirilo previa uma iniciação gradativa, começando com as questões básicas e terminando com o cristão, pelo batismo, se tornando participante nos mistérios da salvação.

Além do processo gradativo de iniciação na vida de fé, a mistagogia conduz os fiéis pelos mistérios celebrados. Por mistérios entende-se aqueles elementos da fé que não são desvelados nem compreendidos, mas são vividos pelo cristão. A mistagogia conduz o fiel nesse itinerário de participação nos mistérios de Jesus Cristo.

A maneira como La Salle concebe a formação de professores, tornando-os responsáveis pela salvação dos alunos, é mistagógica por dois motivos. O primeiro é que toda a formação dada aos professores funcionava como uma espécie de catequese, ou seja, eles eram formados de maneira gradativa na própria escola, não apenas nas questões pedagógicas, mas também nos mistérios da fé. O segundo é serem eles considerados responsáveis pela salvação de seus alunos. Conforme explicado neste trabalho, por salvação La Salle entendia tanto a salvação da alma quanto aquela relativa aos males deste mundo.

Como responsáveis pela salvação, os professores se tornam, então, participantes nos mistérios do próprio Cristo. La Salle já os considerava ministros e embaixadores de Jesus Cristo, conferindo aos professores um sacerdócio vocacional. Ser professor, assim, é mais do que ser educador. É ser sacerdote.

Abandonando parcialmente o sentido teológico da mistagogia, é possível fazer uma transposição deste conceito para a contemporaneidade. Os professores continuam sendo responsáveis pela vida dos seus alunos, não apenas pelos conteúdos ensinados. Essa responsabilidade é mistagógica no sentido em que envolve toda a vida do professor e toda a vida do aluno. Ser responsável pela salvação do aluno pode ser compreendido, hoje, como a responsabilidade do professor pelo que ensina. Os professores “prestarão contas a Deus e que serão culpados perante Ele pela ignorância das crianças que tiverem estado sob sua orientação” (La Salle, 2012a, p. 115).

Não é preciso adotar a visão teológica de La Salle, mas compreender que o papel do professor é ensinar, e fazê-lo bem. Por ensinar, compreenda-se para além dos conteúdos programados pela matriz curricular. Ensinando bem, o professor estará sendo responsável pela salvação de seus alunos. E isso é, também, um processo mistagógico.

Referências

- ALBERTON, Elcio. Policidadeania: formação mistagógica do docente. **Roteiro**, Joaçaba, v. 35, n. 1, p. 53-72, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/roteiro/v35n01/v35n01a>. Acesso em: 10 mai 2023.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2ª ed., São Paulo: LTC, 2015.
- BÉDEL, Henri. **Orígenes 1651-1726: iniciación a la historia del Instituto de los Hermanos de Las Escuelas Cristianas**. Roma, Itália: Hermanos de las Escuelas Cristianas, 1998.
- BOTO, Carlota. **A liturgia escolar na Idade Moderna**. Campinas: Papyrus, 2017.
- CHARTIER, Anne-Marie. **Alfabetização e formação dos professores da escola primária**. Caxambu, 1997. Disponível em http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_03_ANNE-MARIE_CHARTIER.pdf . Acesso em 20/05/2020.
- CIRILO DE JERUSALÉM. **Catequeses mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- COSTA, Rosemary Fernandes. Mistagogia: um diálogo fecundo entre mística e pedagogia. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v. 6, n. 2, p. 693-718, 2014. DOI: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.06.002.dv03>.
- COSTA, Rosemary Fernandes. O caminho da mistagogia: uma mística para os nossos tempos. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, p. 831-853, jul./set. 2012. DOI <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2012v10n27p831>.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2014
- FLORES, Cristine Gabriela de Campos. **Educação e espiritualidade: diálogos possíveis desde um pensar Latino-Americano**. Tese de doutorado em Educação. Canoas: Universidade La Salle, 2021. 147p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 15ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma filosofia hermenêutica**. 3. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GAUTHIER, Clermont. O século XVII e o nascimento da Pedagogia. In: GAUTHIER, Clérmont; TARDIF, Maurice (orgs.). **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 101-127.
- GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 3ª ed., Ijuí: Unijuí, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- HENGEMÜLLE, Edgar. **Educação lasaliana: Que Educação?** Canoas: Unilasalle, 2007.

HENGEMÜLLE, Edgard. **La Salle: Uma leitura de leituras**. Canoas: Centro Universitário La Salle, s/d.

LA SALLE, João Batista de. **Guia das Escolas Cristãs**. Canoas: Universidade La Salle, 2012a. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle Vol. III.

LA SALLE, João Batista de. **Meditações para todos os domingos do ano**. Canoas: Universidade La Salle, 2012b. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle Vol. IIB.

LA SALLE, João Batista de. **Memória dos começos**. Canoas: Universidade La Salle, 2012c. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle Vol. I.

LA SALLE, João Batista de. **Regras comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs**. Universidade La Salle, 2012d. Coleção Obras Completas de São João Batista de La Salle Vol. IIA.

LAURAIRE, León. **La Guía de las Escuelas: enfoque contextual**. Roma, Itália: Maison Saint Jean-Batiste de La Salle, 2008.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 13ª ed., São Paulo, SP: Cortez, 2010.

NÓVOA, Antonio. Entre a formação e a profissão: Ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. In: NÓVOA, Antonio. **Escolas e professores: Proteger, transformar, valorizar**. Salvador, SEC/IAT, 2022. p. 91-104

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100008>.

SAVIANI, Dermeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. Santa Maria, **Educação** v. 30, n. 2, jul./dez. 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3735>. Acesso em 24/05/2020.

TAGLIAVINI, João Virgílio; PIANTKOSKI, Marcelo Adriano. João Batista de La Salle (1651-1719): um silêncio eloquente em torno do educador católico que modelou a escola moderna. **HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, n. 53, p. 16-40, out 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640191/7750>. Acesso em: 20 mai. 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007.